Lição 9: Não há processo ao infinito nos motores. Nem todo motor precisa ser movido

1037. Após mostrar que tudo o que é movido é movido por outro, o Filósofo começa agora a mostrar que é necessário chegar a um primeiro motor imóvel. E seu tratamento divide-se em duas partes.

Na primeira, mostra que é necessário chegar a um primeiro que seja imóvel ou que se mova a si mesmo;

Na segunda, mostra que, mesmo que se chegue a um primeiro que se move a si mesmo, é ainda necessário chegar a um primeiro motor que seja imóvel, (L.10).

Sobre a primeira parte, ele faz duas coisas:

Primeiro, mostra que não é possível que as coisas sejam movidas por outro *ao infinito*;

Segundo, mostra que nem todo motor precisa ser movido, em 1042.

Sobre a primeira, ele faz duas coisas:

Primeiro, explica a proposição ascendendo na ordem dos móveis e motores;

Segundo, descendo, em 1041.

Sobre a primeira, ele faz duas coisas:

Primeiro, apresenta as premissas necessárias para manifestar sua proposição;

Segundo, apresenta um argumento que demonstra a proposição, em 1040.

1038. Agora ele apresenta duas premissas, das quais a primeira (806) é uma divisão dos motores. Pois, como foi dito que tudo o que é movido é movido por algo, uma coisa pode ser motor de duas maneiras. De um modo, quando move não por sua própria conta, isto é, não pelo seu próprio

poder, mas porque foi movida por algum outro motor. Este é um motor segundo. De outro modo, algo move por sua própria conta, isto é, pelo seu próprio poder e não porque foi movido por outro. Ora, tal motor pode causar movimento de duas maneiras: Primeiro, de modo que o primeiro motor mova aquele que está próximo do último, ou seja, aquele que lhe é mais próximo após o motor segundo; isso acontece quando o primeiro motor move um móvel através de um único intermediário. Segundo, de modo que o motor mova um móvel através de vários intermediários, como quando um bastão move uma pedra e o bastão é movido por uma mão, que é movida por um homem que não se move como sendo movido por outra coisa. Dessa forma, o homem é um primeiro motor por sua própria conta e move a pedra através de vários intermediários; contudo, se ele movesse a pedra com sua mão, estaria movendo a pedra através de um único intermediário.

1039. Em segundo lugar, em (807) ele compara o primeiro motor com o segundo. Pois, como tanto o primeiro motor quanto o último são ditos causar movimento, dizemos que o primeiro motor é mais motor do que o motor último. Isso é claro por duas razões: primeiro, porque o primeiro motor move o segundo

mas não vice-versa; em segundo lugar, porque o segundo motor não pode causar movimento independentemente do primeiro, mas o primeiro pode causá-lo independentemente do segundo. Por exemplo, o bastão não pode mover a pedra a menos que seja movido pelo homem, mas o homem pode mover a pedra sem usar o bastão.

1040. Em seguida, em (808), ele prova sua proposição à luz do que foi dito anteriormente. Pois já foi demonstrado que tudo o que está sendo movido é movido por outro. Mas aquilo pelo qual é movido ou é movido ou não é movido; e, se é movido, ou é movido por outro ou não. Ora, esses dois casos, a saber, ser movido por outro ou não ser movido por outro, são tais que, se um é posto, o outro deve necessariamente existir, e não vice-versa: isto é, se existe algo que é movido por outro, é necessário chegar a um primeiro que não é movido por outro; mas, se tal primeiro é posto, ou seja, um primeiro que não é movido por outro, não é necessário postular ainda outro, a saber, um que é movido por outro.

Isso, de fato, é evidente por si mesmo, mas poderia haver alguma dúvida quanto ao primeiro ponto, ou seja, que se existe algo movido por outro, deve existir um primeiro que não é movido por outro. Por essa razão, ele prova isso da seguinte maneira.

Se algo é movido por outro, e este por outro, e nunca se chega a algo que não seja movido por outro, segue-se que há um processo ao infinito em motores e coisas movidas. Mas isso é impossível, como foi provado no Livro VII. No entanto, ele o prova aqui de maneira mais certa, pelo fato de que em uma série infinita não há primeiro. Portanto, se os motores e as coisas movidas prosseguem *ad infinitum*, não haverá primeiro motor. Mas já foi dito que, se o primeiro motor não age, o último motor não age e, consequentemente, não haverá motor, o que é evidentemente falso. Portanto, o processo de algo ser movido por outro não pode prosseguir *ad infinitum*. Se, portanto, concede-se que tudo o que está sendo movido é movido por outro, como foi provado, e, novamente, se supõe que o primeiro motor é movido, mas não por outra coisa, ele é necessariamente movido por si mesmo.

Deve-se notar que este argumento não está provando que o primeiro motor é movido, mas ele está supondo isso de acordo com a opinião comum dos platônicos. Quanto à força do argumento, ele não conclui mais que o primeiro motor move a si mesmo do que que ele é imóvel. Por isso, ele apresenta mais adiante essa mesma conclusão sob uma disjunção, como ficará claro abaixo.

1041. Em seguida, em (809), ele prova sua proposição por descendência. E é o mesmo argumento que o anterior quanto ao seu valor ilativo, mas difere quanto à ordem do processo; ele o repete, no entanto, para maior clareza.

Ele diz, portanto, que o argumento anterior poderia ser apresentado de outra maneira. E ele premissa proposições que têm o mesmo valor de verdade que as anteriores, mas em uma ordem diferente. Pois, acima, ele havia premissado que tudo o que está sendo movido é movido por outro e que aquilo pelo qual é movido age ou por conta própria ou por conta de algo anterior que o move; e isso era um processo ascendente.

Mas agora ele usa um processo descendente, dizendo que todo motor move algo e move por meio de algo, isto é, ou por si mesmo ou por meio de algum motor menor, assim como um homem move uma pedra ou por si mesmo ou por meio de um bastão, e o vento lança algo à terra ou por seu próprio impulso ou por meio de uma pedra que ele move.

Novamente, ele havia premissado acima que o último motor não causa movimento independentemente do primeiro motor, mas vice-versa. Em lugar disso, ele diz aqui que aquilo que um motor usa como instrumento para causar movimento não pode causar movimento por si mesmo sem um motor principal que o mova, assim como um bastão não pode causar movimento independentemente da mão; mas, se algo se move por si mesmo como motor principal, a adição de um instrumento não é necessária. E isso é mais evidente nos instrumentos do que em uma ordenação de móveis, embora a mesma verdade esteja presente em ambos os casos, porque nem todos considerariam o segundo motor um instrumento do primeiro. Mas, assim como ele deduziu acima que, se existe algo que é movido por outro, deve existir algo que não é movido, mas não vice-versa, assim aqui, em um processo descendente, ele diz que, se aquilo pelo qual o motor causa movimento é outra coisa, como um instrumento, deve haver algo que causa movimento não por um instrumento, mas por si mesmo. Caso contrário, há um processo infinito com respeito aos instrumentos, o que é o mesmo que proceder ao infinito com respeito aos motores, e isso é impossível, como foi provado acima.

Se, portanto, existe um motor daquilo que está sendo movido, deve-se parar e o processo não pode ir ao infinito. Pois, se o bastão causa movimento porque é movido pela mão, segue-se que a mão move o bastão; se, no entanto, outra coisa está movendo a mão, também se segue, inversamente, que um motor está movendo a mão. Consequentemente, o mesmo processo que era válido com respeito aos instrumentos movidos é válido para os motores dos instrumentos. Mas com respeito aos motores, como foi mostrado, um processo infinito deve ser evitado; portanto, deve ser evitado com respeito aos instrumentos. Portanto, visto que é sempre assim que uma coisa sendo movida é movida por outro que move, e um processo infinito deve ser evitado, é necessário que haja um primeiro motor que se move por si mesmo e não por meio de um instrumento.

Se, portanto, concede-se que este primeiro, que se move a si mesmo, é de fato movido, mas não há outro movendo-o (porque então seria um instrumento), segue-se necessariamente que ele está movendo a si mesmo — seguindo a suposição dos platônicos de que todo motor é movido.

Daí, também de acordo com este argumento, ou o que está sendo movido será imediatamente movido por um motor que se move a si mesmo, ou em algum momento tal motor que se move a si mesmo deve ser alcançado.

1042. Em seguida, em (810), ele mostra que nem todo motor está sendo movido, como foi suposto nos argumentos anteriores. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, prova que nem todo motor está sendo movido;

Segundo, a partir disso e dos argumentos anteriores, conclui sua proposição principal, em 1049.

Ele diz, portanto, primeiro que às coisas acima mencionadas podem ser acrescentadas as seguintes, a fim de demonstrar nossa proposição. Sobre isso, ele faz três coisas:

Primeiro, ele estabelece uma divisão;

Segundo, ele rejeita um dos membros, no parágrafo 1043;

Terceiro, ele rejeita outro, no parágrafo 1046.

Ele diz, portanto, primeiro (830) que, se tudo o que está sendo movido é movido por outro, o que equivale a dizer que todo motor é movido, isso pode ocorrer de duas maneiras: de um modo, que é *per accidens* nas coisas que um motor é movido, ou seja, o motor não age em virtude de ser movido (como se disséssemos que um músico é construtor não por ser músico, mas isso é *per accidens*); ou de um segundo modo, que não é *per accidens*, mas *per se*, que um motor é movido.

1043. Em seguida, no (811), ele rejeita o primeiro membro de três maneiras. Primeiro, com este argumento: Nada *per accidens* é necessário, pois o que está em uma coisa *per accidens* não está presente necessariamente, mas pode não estar presente, como o músico em um construtor. Se, portanto, é *per accidens* que os motores sejam movidos, segue-se que pode acontecer que eles não sejam movidos. Mas, uma vez que se supõe que todo motor é movido, é consequência, se os motores não são movidos, que eles não causam movimento. Segue-se, portanto, que, em algum momento, nada está sendo movido. Mas isso é impossível, pois foi provado acima que é necessário que o movimento sempre exista. Essa impossibilidade, no entanto, não decorre da suposição de que os motores não são movidos; porque, se é *per accidens* que um motor seja movido, será possível que os motores não sejam movidos, e, se uma possibilidade é posta, nenhuma impossibilidade se segue. Resta, portanto, que a outra afirmação da qual isso (a cessação do movimento) se seguiu é impossível, a saber, a afirmação de que todo motor é movido.

1044. Segundo, no (812), ele prova o mesmo com outro argumento provável, que é este: Três coisas são encontradas no movimento: uma é o móvel que está sendo movido; outra é o motor; e a terceira é o instrumento pelo qual o motor causa o movimento. Ora, entre essas três, é claro que a coisa que é movida tem de ser movida, mas não tem de causar movimento. O instrumento, no

entanto, pelo qual o motor causa o movimento, deve tanto mover quanto ser movido — é movido pelo motor principal e move a última coisa movida. Por essa razão, tudo o que "move e é movido" tem o caráter de um instrumento.

Ora, a razão pela qual o instrumento pelo qual o motor causa o movimento tanto é movido quanto move é que ele participa de ambos e existe em uma espécie de identidade com o que é movido. Isso é especialmente evidente no movimento local, pois é necessário que, desde o primeiro motor até a última coisa movida, todos estejam em contato entre si. Assim, é evidente que um instrumento intermediário é, por contato, o mesmo que o móvel e é movido juntamente com ele, na medida em que está em união com ele. Mas também está em união com o motor, porque é um motor — embora, sob seu aspecto como instrumento pelo qual o motor causa o movimento, não seja imóvel.

Portanto, assim, parece a partir das premissas que a última coisa movida é, de fato, movida, mas não tem em si um princípio para mover a si mesma ou a qualquer outra coisa, e é movida, de fato, por outra coisa e não por si mesma. Logo, parece ser razoável, isto é, provável (e no presente caso não nos importamos em dizer que é necessário) que haja uma terceira coisa que causa movimento, mas é imóvel.

Pois é provável que, se duas coisas estão unidas *per accidens*, e uma é encontrada sem a outra, então a outra pode ser encontrada sem ela (mas que ela possa ser encontrada sem a outra é necessário, porque as coisas unidas *per accidens* podem não estar unidas); por exemplo, se o branco e o doce estão unidos *per accidens* no açúcar, e se o branco é encontrado sem o doce, como na neve, é provável que o doce seja encontrado em alguma coisa sem o branco, como no queijo. Se, portanto, é *per accidens* que um motor seja movido e algo é encontrado sendo movido sem mover outra coisa, como acontece na última coisa movida, é provável que se possa encontrar algo movendo sem ser movido, de modo que haveria um motor que não é movido.

Disso é evidente que esse argumento não tem força em substância e acidente, e em matéria e forma, e em coisas semelhantes, das quais uma é encontrada sem a outra, mas não vice-versa; pois o acidente *per se* existe em uma substância, e à matéria pertence *per se* ter existência através da forma.

1045. Terceiro, no (813), ele prova o mesmo ponto com o testemunho de Anaxágoras. Pois, como pode ser que um motor seja encontrado que não é movido, Anaxágoras falou corretamente quando disse que a Mente é impassível e imiscível. Ele disse isso porque considerou a Mente como o primeiro princípio do movimento, e a única maneira de ela poder causar movimento e comandar, sem ser ela mesma movida, era que fosse imiscível — pois o que está misturado com outra coisa é, de certa forma, movido quando essa outra coisa é movida.

1046. Em seguida, no (814), ele concentra-se na outra parte da divisão, a saber, que tudo o que é movido está sendo movido por outro que é movido *per se* e não segundo um acidente.

E ele refuta isso com dois argumentos, o primeiro dos quais é: Se não é segundo um acidente, mas por necessidade, que um motor seja movido e se ele nunca pode causar movimento a menos que seja movido, isso deve acontecer de duas maneiras: uma das quais é que o motor é movido

segundo a mesma espécie de movimento que ele causa; a outra é que o motor move segundo uma espécie de movimento e é movido segundo outra. Ele subsequentemente explica a primeira maneira no (815): Dizemos que um motor está sendo movido segundo a mesma espécie de movimento se, por exemplo, a coisa que aquece é aquecida, e o curador é curado, e algo que carrega localmente é ele mesmo carregado localmente.

Ele explica a segunda maneira quando diz: “Ou então o curador é carregado, ou a coisa que carrega está crescendo.” Esses são exemplos de “mover e ser movido” segundo diferentes espécies de movimento.

Em seguida, ele mostra a impossibilidade do primeiro modo, em (816). Pois é claramente impossível que um motor seja movido segundo a mesma espécie de movimento. Não basta parar em alguma espécie subalterna, mas é preciso dividir até chegar aos "indivíduos", ou seja, às espécies mais especiais. Por exemplo, se alguém está ensinando, não basta que seja ensinado ao mesmo tempo, mas deve estar ensinando e sendo ensinado a mesma coisa; por exemplo, se ensina geometria, deve estar ao mesmo tempo sendo ensinado nela; ou se é a causa de um movimento local chamado arremesso, deve ele mesmo ser movido segundo o mesmo movimento de arremesso. Isso é claramente falso.

Em seguida, ele descarta o segundo modo, a saber, que o motor não seja movido segundo a mesma espécie de movimento, mas que mova segundo uma espécie e seja movido segundo outra; por exemplo, se move com um movimento local e é movido em relação ao crescimento; e se o que causa o crescimento é movido por outra coisa segundo a alteração; e se este motor, por sua vez, é movido em relação a algum outro movimento.

Agora, é claro que os movimentos não são infinitos nem em gênero nem em espécie. Pois foi estabelecido no Livro V que os movimentos diferem em gênero e espécie segundo as diferenças das espécies em que o movimento ocorre. Mas os gêneros e espécies das coisas não são infinitos, como provamos em outro lugar; portanto, tampouco o são os gêneros e espécies do movimento. Se, portanto, um motor é necessariamente movido segundo algum outro gênero ou espécie de movimento, não se poderá proceder ao infinito, e haverá algum primeiro motor imóvel.

1047. Mas porque alguém poderia dizer que, quando todas as espécies de movimento são esgotadas, se fará um retorno à primeira espécie, de modo que, se a primeira coisa tomada como movida foi movida localmente, e distribuímos todos os gêneros e espécies de movimento a diferentes motores até que esses gêneros e espécies se esgotassem, o motor restante será então movido segundo o movimento local — para excluir isso, ele diz subsequentemente que tal retorno equivale a dizer que a causa da alteração é movida localmente (ele usa essa explicação porque acima, em seu exemplo, mencionou primeiro o movimento local e, por último, a alteração), o mesmo, digo, que supor desde o início que o motor segundo o movimento local é movido, e que o professor é ensinado não apenas genericamente, mas no sentido específico.

E que isso não significa nada mais, ele prova consequentemente. Pois tudo o que é movido é movido mais pelo motor superior do que pelo inferior e, consequentemente, muito mais pelo primeiro motor. Se, portanto, a coisa posta como sendo movida localmente é movida por um motor próximo que está sendo aumentado, e este por um motor que está sendo alterado, e este ainda

por um que está sendo movido segundo o lugar, o que é movido segundo o lugar será mais movido pelo primeiro movido segundo o lugar do que pelo segundo, que está sendo alterado, ou pelo terceiro, que está sendo aumentado.

Portanto, será verdade dizer que o motor segundo o lugar é movido segundo o lugar, e o mesmo para toda esfera de movimento. Ora, isso não é apenas falso, porque se vê ser desmentido em muitos casos, mas também é impossível. Pois seguir-se-ia que o professor está aprendendo enquanto ensina — o que é impossível. Pois isso envolve uma contradição, já que é propriedade do professor ter ciência, e do aprendiz não a ter. Assim, fica claro que não é necessário que um motor seja movido.

1048. Ele apresenta um segundo argumento em (817) que não difere do precedente, exceto que o primeiro leva a certas inconsistências particulares, por exemplo, que um arremessador seria arremessado ou que um professor estaria sendo ensinado. Mas este leva a inconsistências em geral.

Por isso, ele diz que, embora seja inconsistente que um professor esteja aprendendo, há algo ainda mais irrazoável, pois resulta que todo motor é móvel, se nada é movido exceto pelo que é movido. Pois assim se seguiria que todo motor é móvel, se, por exemplo, alguém diz que tudo o que tem o poder de curar, ou está realmente causando saúde, é curável, e que tudo o que tem o poder de construir é construtível — o que é mais irrazoável do que um professor estar aprendendo, pois um professor poderia ter aprendido antes, mas um construtor nunca foi construído.

Ora, isso se segue de duas maneiras. Pois, se for concedido que todo motor é movido com respeito à mesma espécie de movimento, segue-se que um construtor está sendo construído imediatamente (isto é, sem intermediário) e que um curador está sendo curado imediatamente. Mas, se for concedido que o motor não é movido segundo a mesma espécie de movimento, segue-se que finalmente chegaremos a isso após passar por vários intermediários. E ele explica isso: Se todo motor é movido por outro, mas não é movido imediatamente com respeito à mesma espécie em que está causando movimento, mas segundo alguma outra espécie — por exemplo, se um curador não é imediatamente curado, mas é movido segundo o movimento de disciplina ao aprender —, contudo, como as espécies de movimento não são infinitas, ao ascender assim do móvel ao motor, chegar-se-á finalmente à mesma espécie de movimento, como foi explicado acima.

Portanto, dessas duas, uma parece claramente impossível, por exemplo, que o construtor seja imediatamente construído, enquanto a outra é vista como uma fantasia, a saber, que se chegue à mesma coisa através de vários intermediários. Pois é inaceitável que o que é apto a causar alteração seja necessariamente apto a ser aumentado em tamanho.

1049. Assim, (818) tendo considerado os argumentos anteriores, o primeiro dos quais concluiu que esse processo — de que tudo o que é movido é movido por outro — não deve prosseguir ao *infinito* , e o segundo dos quais concluiu que nem todo motor é movido, podemos concluir de todos os argumentos anteriores que não é necessário *ao infinito* que o que é movido seja movido por outro de modo que seja sempre movido por um motor que é movido. Portanto, é necessário parar em algum primeiro. No entanto, este primeiro deve ser imóvel ou mover a si mesmo.

Mas, se estamos considerando qual é a primeira causa do movimento no gênero dos móveis, se é algo que move a si mesmo ou um móvel que é movido por outro, é tido como provável entre todos que o primeiro motor move a si mesmo. Pois uma causa *per se* é sempre anterior ao que é causa através de outro. Por essa razão, os platônicos sustentaram que, antes das coisas que são movidas por outro, há algo que move a si mesmo.

E, portanto, devemos considerar essa coisa que move a si mesma e fazer disso outro início de nossa consideração, a saber, considerar que, se algo move a si mesmo, como isso é possível.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:52:46 by Admin
Updated 1 October 2026 23:55:20 by Admin